INTEGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA COMUNICAÇÃO POPULAR

Dario Luís Borelli
(Aluno do 3º ano de Jornalismo do IAC/PUCCAMP)

À minha avó, Angelina Silvestre Rodolfo, que muito contribuiu para educação de seus netos.

Durante o I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo, realizado na USP, no período de 16 a 18 de abril de 1984, Dario Luís Borelli entrevistou o Prof. José Marques de Melo sobre o papel desenvolvido pelo CIESPAL na pesquisa na América Latina, focalizando também a oportunidade de se desenvolver uma campanha em favor da comunicação popular, entendida como forma alternativa de serem divulgadas mensagens de interesse para as classes subalternas, nelas compreendidas setores de operários, camponeses e populações marginalizadas.

Desde o primeiro contato com sua obra de estréia — **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**, Editora Vozes, Petrópolis, 1970 — venho estudando os trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador e teórico da comunicação, Prof. José Marques de Melo.

Mesmo tratando-se de análise teórico-científica dos fenômenos da comunicação social dentro do contexto da realidade brasileira, a linguagem empregada para revelar o tema de seus trabalhos é suficientemente clara para aqueles que se iniciam nesta "fascinante atividade" que é a pesquisa.

Luiz Beltrão no prefácio do livro — **Sociologia da Imprensa Brasileira**, de José Marques de Melo afirmou: "Conhecendo-o desde o seu ingresso em nossa sala de aula, no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, responsável mesmo pela sua atração ao campo

dos estudos especializados de comunicação, quando simultaneamente havia ele iniciado na área jurídica, sentimo-nos cavaleiro para dar testemunho do seu caráter e da seriedade com que se lança à pesquisa, revelando no seu trabalho toda a pertinácia característica do homem do sertão nordestino que, para sobreviver, tem de interrogar sempre a natureza e identificar, nos sinais quase imperceptíveis do céu sem nuvens, ou dos troncos desfolhados e secos pela inclemência do sol, ou ainda, pela inquietude que tomou de repente a rês faminta, a aproximação das chuvas, a época da semeadura, que lhe irá permitir ao seu tempo uma compensadora colheita".

Tendo em vista sua participação no I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo, na Universidade de S. Paulo, e devido à acessibilidade comprovada durante a reunião de trabalhos sobre órgãos laboratoriais impresso na Puccamp, formulei com certa antecedência perguntas ao Prof. José Marques de Melo que as respondeu, em entrevista para **Comunicarte.**

O papel do CIESPAL na pesquisa da comunicação

Comunicarte — O Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina — CIESPAL — completa, neste ano, bodas de prata. O que o senhor pensa das principais mudanças que ocorreram no Centro desde sua criação até hoje ?

Prof. Marques de Melo — O CIESPAL foi instalado em Quito, no Equador, a partir de um projeto da Unesco para criação de condições que permitissem a formação de professores e profissionais de jornalismo. Quatro grandes centros a Unesco instalou há vinte e cinco anos atrás: Estrasburgo (França), Ásia, o da América Latina, e outro na África.

O CIESPAL surge como uma instituição voltada basicamente para duas tarefas: primeiro, disseminar a pesquisa em jornalismo na América Latina, que é um centro originalmente preocupado com o jornalismo; segundo, criar condições para melhorar a formação de profissionais. Nestes vinte cinco anos o CIESPAL teve um papel muito importante no que se refere à profissão de jornalista e ao ensino de jornalismo. Basicamente, no ensino de jornalismo, porque, no início, os contatos que o CIESPAL fazia eram através da profissão. Realizava cursos anuais e desses cursos participavam profissionais de todos os países. Mas, paulatinamente, esses cursos foram oferecidos não para jornalistas profissionais mas para professores de jornalismo. Então o CIESPAL teve uma influência muito grande nas escolas de jornalismo de todo o continente.

Eu diria que, basicamente, o CIESPAL teve dois grandes momentos: o primeiro momento foi o de transferir para a América Latina todo um conhecimento sobre o jornalismo e a pesquisa de jornalismo que já existia nos países centrais — principalmente nos Estados Unidos e em

países europeus, incluída órbita socialista. Trazia professores e teóricos que ministravam cursos, norte-americanos, belgas, russos, franceses, italianos, em suma, de todas as nacionalidades. A segunda fase foi marcada por uma busca de identidade latino-americana. O CIESPAL deixou de ser uma instituição que fazia a transplantação, a disseminação desse conhecimento dos Estados Unidos e da Europa e passou a se preocupar com a América Latina. Eu diria que é essa fase que o CIESPAL está vivendo atualmente.

Comunicarte – A revista latino-americana de comunicação – **CHASQUI** – traz um editorial em seu número 8 (outubro-dezembro 83) em que expressa a preocupação com o caminho incerto da comunicação popular. O que se entende por comunicação popular ?

Prof. Marques de Melo – A revista CHASQUI está exatamente em sua segunda fase. Teve uma primeira, no início da década de 70, quando circularam vários exemplares marcados sobretudo por uma linha de reprodução de trabalhos feitos pelo próprio CIESPAL, de professores que passavam por lá, de pesquisadores que trabalhavam no CIESPAL, ou de pessoas intimamente ligadas ao staff do CIESPAL.

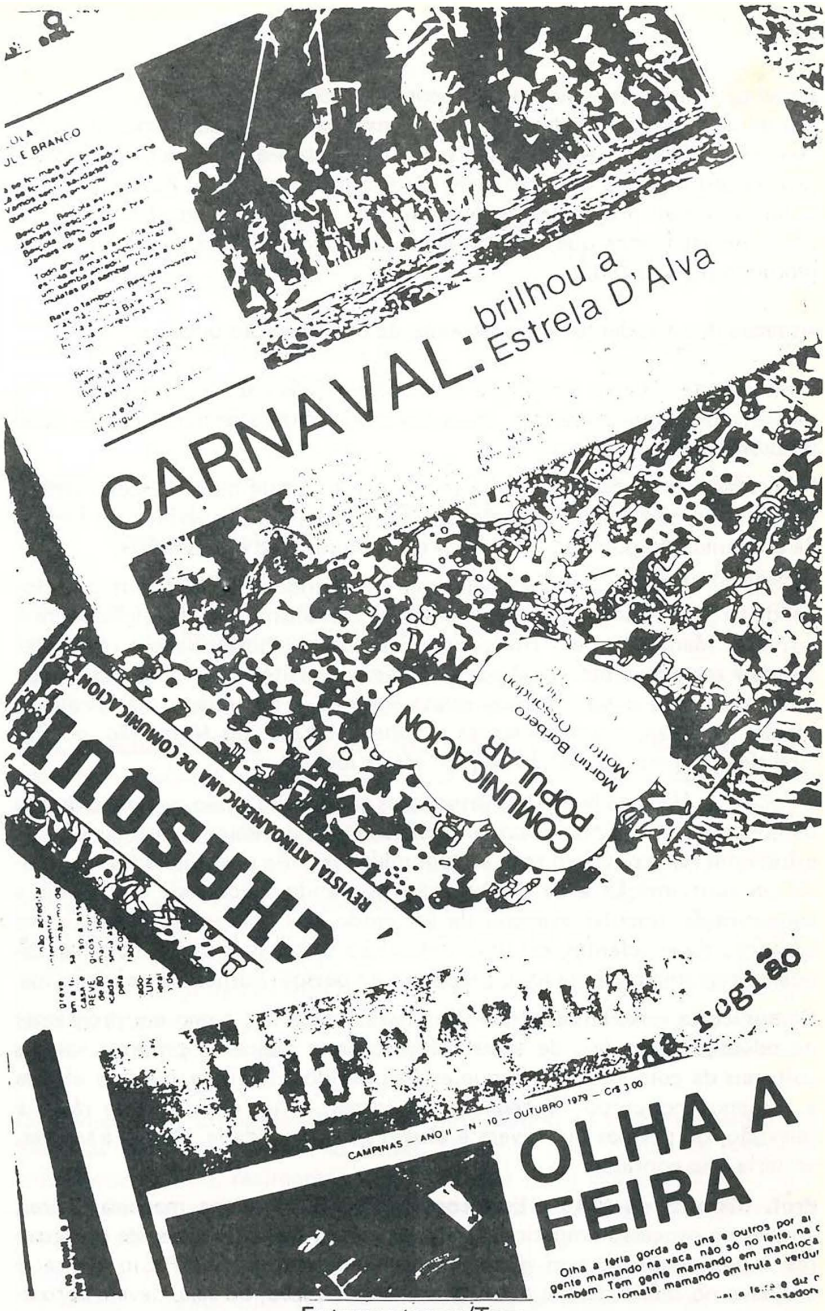
Depois ela foi descontinuada e agora iniciou há dois anos, uma segunda fase em que passou a ser efetivamente uma revista latino-americana. Constituiu, um Comitê Internacional composto de personalidades de todo o mundo, de vários países americanos, buscando temáticas que estivessem presentes nas escolas e nas profissões de comunicação em todo o Continente, abrangendo pessoas de diferentes instituições e de várias tendências.

Esse número, a que você se refere procura traçar um quadro das discussões sobre esse tema no Continente. Eu não diria que a revista tem um conceito de comunicação popular. O que ela faz é tentar observar quais as diferentes abordagens que a comunicação popular vem sofrendo no Continente e quais as idéias que estão sendo disseminadas. Em suma, oferece um diagnóstico das atividades neste setor chamado de Comunicação Popular.

Basicamente, eu diria o seguinte: (e esta é minha leitura e não a da revista) o que predomina nisso é que a comunicação popular vem sendo entendida como aquelas formas alternativas de comunicação que estão ocorrendo em setores das classes subalternas – junto a operários, camponeses, às populações marginalizadas e assim por diante.

Comunicarte – Há, no Brasil, espaço para o desenvolvimento da comunicação popular ?

Prof. Marques de Melo – O Brasil está explodindo com relação à comunicação popular. Exatamente por que estamos em processo de transição de um período de vinte anos de autoritarismo para o reencontro do país com o sistema democrático. E um dos indícios dessa transição é a comunicação



Fotomontagem/Tuco
Laboratório Fotográfico IAC/PUCCAMP

popular: todo o movimento que ocorre na sociedade civil, nas comunidades de base, nas entidades que reúnem mulheres ou minorias raciais, todos esses movimentos — repito — são canalizados para atividades de comunicação, constituindo o próprio cerne da sua movimentação. Editam jornais, boletins, fazem programas de auto-falantes, campanhas, etc. É esse o conjunto de atividades que configuram a comunicação popular, que está explodindo no país todo.

Atuação dos estudantes em programas de comunicação popular

Comunicarte — Quais seriam os meios disponíveis aos estudantes de comunicação social que pretendem atuar em programas de comunicação popular ou pesquisá-la ?

Prof. Marques de Melo — O que tem ocorrido é que muitas escolas têm-se identificado com a comunicação popular e procurado experimentar formas de comunicação popular, ou formas de comunicação comunitária.

Não sei se você ouviu hoje (referindo-se ao I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo) a exposição sobre o jornal **O Marco** de Belo Horizonte. Este jornal-laboratorial em vez de ser dirigido aos estudantes, ou à comunidade universitária, foi desde o começo produzido para o bairro onde estava inserida a Faculdade. Várias outras escolas tentaram experiências da mesma natureza: no Maranhão, no Rio Grande do Norte, em São Paulo, em vários locais.

Há uma busca dos estudantes em relação a isso. Agora, o que se pergunta é o seguinte: essas experiências são válidas, à medida que os estudantes não convivem com as comunidades ? As possibilidades são muitas de aproximação e de colaboração. A grande dificuldade é que hoje a comunicação popular avançou de tal modo que não se admite mais um conjunto de estudantes, ou uma instituição universitária se aproximar daquele programa para usá-lo. É preciso que a pessoa realmente esteja inserida.

Comunicarte — Acredita-se que deva haver iniciativa, como em programas de educação popular, de transferir para esses meios os próprios valores culturais da comunidade em que estão inseridos. E, ainda, deve ser efetiva a presença no corpo de redação do jornal, e nas emissoras de rádio e televisão, de pessoas que vivem e atuam na comunidade. Como, a seu ver, se daria esse contato ?

Prof. Marques de Melo — Esse contato se dá, na minha maneira de ver, através de processo empático. Um movimento de estudantes, de professores e pesquisadores tem de trilhar aquele caminho que Paulo Freire já ensinava no início de seu método de alfabetização, ou seja, devem aproximar-se da comunidade e primeiro aprender com ela, para incorporar esses valores, absorvê-los e se integrar neles. Só a partir daí é que se pode fazer

com que intelectuais que não convivem com essas comunidades venham a se integrar nesses programas. Do contrário, eles estarão fazendo um trabalho de transplantação de valores da classe média à comunicação popular.

Comunicarte — O educador Paulo Freire referiu-se à comunicação apenas em seu trabalho escrito em 1968 para o Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária — ICIRA —, Chile, ou encontraremos em quase todos os demais escritos de Freire um conceito subjacente de comunicação ?

Prof. Marques de Melo — Toda a pedagogia de Paulo Freire é chamada, por ele mesmo, **pedagogia da comunicação**. A questão da comunicação permeia toda a reflexão de Freire.

Se você ler seu primeiro livro, que é **Educação como Prática da Liberdade**, vai observar que aí já está toda uma concepção de educação que se apresenta como uma pedagogia libertadora, pedagogia que pressupõe o diálogo com o outro.

Há um trabalho que publiquei no meu livro **Comunicação & Libertação**, onde você vai encontrar essa tentativa de resgate do pensamento de Paulo Freire sobre comunicação.

Comunicarte — Quais as características do programa do Centro de Pós-Graduação em Comunicação no Instituto Metodista de Ensino Superior ?

Prof. Marques de Melo — Há uma área voltada para formação de professores e pesquisadores que pretendem atuar nas Universidades, ou mesmo nas empresas. Outra, é a Comunicação Científica e Tecnológica, que é a preocupação com a popularização da ciência.

O que une as duas áreas, tanto a de Metodologia da Comunicação quanto a da Comunicação Científica e Tecnológica, é, exatamente a preocupação com a comunicação não hegemônica. Porque todos os demais programas de Pós-Graduação em Comunicação no país se encaminham para pensar os grandes meios de comunicação instituídos. Nossa preocupação, lá, é fazer um tipo de reflexão, de pesquisa, de observação da realidade que se encaminha para a comunicação alternativa, comunicação popular.

Comunicarte — Comunicação do Terceiro Mundo e Desenvolvimento dos Sistemas de Comunicação no Brasil, são suas duas linhas de pesquisas prioritárias. Existe, realmente, a tentativa por parte dos estudiosos da Comunicação em analisar os problemas comuns que atingem os países em desenvolvimento ?

Prof. Marques de Melo — Sim, principalmente através de cursos como Comunicação Internacional ou Comunicação na América Latina, onde tentamos fazer esta recuperação: pensar comparativamente as questões do Brasil, do Peru, do México, Colômbia, Venezuela etc.